

## DE OUVIDOS ABERTOS

Ao pisar pela primeira vez em uma das numerosas paisagens da Amazônia – igapós, florestas densas, campinaranas, lavrados ou cerrados que sejam – qualquer jornalista ambiental estrangeiro leva, misturada à bagagem, uma boa dose de mitos e falsas expectativas. E aqui incluo também, como “estrangeiros”, os brasileiros nascidos em outras regiões e mesmo os amazônidas criados nas zonas urbanas.

Aos poucos, os mitos e falsas expectativas vão caindo por terra, conforme (e se) entram em cena as boas práticas de apuração dos fatos e o profissional da informação vai conseguindo enxergar além do imaginário construído.

Assim é também quando se pisa pela primeira vez nas areias do Saara ou no solo gelado da Antártica. Ou em algum dos outros milhares de destinos sobrecarregados de histórias e carentes de cobertura diuturna de uma imprensa especializada.

A tradução do que o jornalista presencia, em tais circunstâncias, aproxima-se mais ou menos da realidade, conforme o profissional tenha maior ou menor capacidade de se despir de suas imagens preconcebidas. E aí – já que o objetivo dos jornalistas tende a ser o de se aproximar o máximo possível da realidade – sempre ajuda ouvir quem é da terra, quem ali já esteve muitas vezes, quem fala a língua nativa e tende a ouvir/ver/inferir detalhes, que os estrangeiros nem sempre percebem.

O problema é que o exercício de ouvir, na maioria das vezes, restringe-se aos entrevistados, porque a competição pelo “furo”, a auto-suficiência e o orgulho do jornalista especializado quase não lhe permitem a troca de idéias com seus pares. Quando se tratam de jornalistas de países diferentes, a

dificuldade já é grande. E, se entre os diferentes países, alguns pertencerem ao grupo dos industrializados e outros ao grupo dos chamados “em desenvolvimento”, então, a troca de idéias é ainda mais rara.

Em nome dessa insensata dificuldade de comunicação entre profissionais da comunicação, tem-se cometido algumas gafes e até erros jornalísticos. O remédio contra eles é a reflexão, a reunião de olhares diversos sobre um mesmo assunto, o debate sobre a ética, a prática, o cotidiano tão diferente dos jornalistas ambientais em cada país, em cada localidade.

Um pouco desse remédio corre via Internet, através da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (jornambiente), da Rede de Jornalistas Ambientais do Terceiro Mundo (thirdworld-ej) e similares. Outras doses surgem em encontros, simpósios, seminários, cada vez mais freqüentes no Brasil. E, em 2002, surgiu também uma primeira oportunidade de levar a discussão a um país industrializado, durante a reunião anual da Sociedade de Jornalistas Ambientais dos Estados Unidos (Society of Environmental Journalists – SEJ), realizada em Baltimore, Maryland, entre os dias 10 e 13 de outubro, com a presença de cerca de mil jornalistas ambientais norte americanos e pesquisadores.

Com a mediação do Centro Internacional para Jornalistas (International Center for Journalists – ICFJ), organizou-se um painel sobre jornalismo ambiental internacional, com o propósito de esboçar tendências e dificuldades do exercício da profissão em países como China, Austrália, Gana e Brasil. Do painel participamos dois vencedores do Prêmio de Reportagem sobre Biodiversidade 2002 – Joachim Ayitey de Gana e eu – com algumas reflexões sobre o jornalismo ambiental em

nostros países, onde a importância da troca de idéias entre jornalistas visitantes e “da terra” foi um dos assuntos mencionados.

Foi a primeira vez que o ICFJ abriu tal espaço, em uma reunião da SEJ, conferindo um caráter mais internacional às discussões programadas. Grande parte do público deste painel eram estudantes de jornalismo ou jornalistas estrangeiros, temporariamente vivendo nos Estados Unidos. Os jornalistas ambientais norte-americanos, de grandes jornais e TVs, ainda se distribuíam pelas salas onde se tratavam de assuntos internos de seu país.

Mas o painel evoluiu, nos dias seguintes, para uma proposta dos seis ganhadores do Prêmio de Reportagem sobre Biodiversidade – Bolívia, Brasil, Colômbia, Gana, Guiana e Peru – de inserir uma discussão sobre jornalismo ambiental internacional na agenda das próximas reuniões da SEJ e ampliar o debate sobre tais questões.

É verdade que alguns temas internacionais já foram tratados, assim como a ética profissional. Em 2002, um dos focos de atenções, por exemplo, foi a cobertura da Cúpula Mundial de Johannesburgo, na África do Sul, com profissionais de imprensa, pesquisadores e políticos entre os painelistas. Porém a ótica ainda é muito norte-americana. A participação dos jornalistas premiados em países em desenvolvimento, acrescentaria a necessária diversidade ao debate, além de levantar temas pouco abordados entre jornalistas do mundo industrializado.

As oportunidades de ter na mesma mesa jornalistas de diferentes origens ainda são muito raras e, nas poucas vezes em que ocorrem, ainda há uma certa tendência de se manter a discussão em torno das tecnologias acessíveis a cada um, das facilidades

à disposição destes e dificuldades diante daqueles. Ainda falta mergulhar no conteúdo, na crítica ao que se escreve, como se escreve, com que consequências...

A condição em que trabalham os jornalistas ambientais de países tão diversos como os Estados Unidos e Gana ou a China e o Brasil certamente condiciona a forma e a profundidade com que as matérias são apresentadas. Mas não muda o objetivo comum de bem informar sobre a saúde do planeta e ajudar o público a fazer conexões entre atitudes pessoais e coletivas e o rastro do homem sobre a Terra. São tarefas de todos derrubar mitos, enxergar a realidade local, reduzir preconceitos, mostrar os impactos e intersecções das atitudes humanas, tanto na mais remota vila dentro da floresta amazônica quanto no centro de megacidades como Tóquio e New York.

E é bem mais viável assumir tais tarefas em conjunto, repartindo dúvidas e dados, compartilhando idéias e, sobretudo, aprendendo a ouvir.

**Liana John**

*Jornalista, Editora de Ciência e Meio Ambiente da Agência Estado*  
*<http://www.estadao.com.br/ciencia>*  
*[lj@agenc.ecof.org.br](mailto:lj@agenc.ecof.org.br)*